

A MORTE APARENTE



Francesco Zingaropoli

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Francesco Zingaropoli
A Morte Aparente

Título do original em francês
La morte apparente

Conteúdo resumido

Francesco Zingaropoli vem trazer o tema sobre a questão da morte, nos faz viajar em épocas distantes aonde o terror o medo e a ignorância suplantavam a verdade espiritual. O que é a morte??? Diante a Doutrina Espírita!!! Uma mera passagem. Um desligamento do nosso corpo material que está ligado ao corpo espiritual. Esse processo pode ser lento ou rápido dependendo de nossa condição de apego as coisas da matéria. Conforme narrações de casos ocorridos nesta obra.

I

A morte aparente

Sumário: Os sepultos vivos na história e na lenda - Fatos testemunhados por Karnice - Visões macabras de romancistas e poetas - Estatística dos enterrados vivos - Bibliografia da morte aparente.

De todas as torturas inventadas nas épocas mais tristes da História com instrumentos cuja simples vista nos museus nos faz tremer de horror, de tudo que a crueldade dos homens inventou para martirizar os cristãos nos circos de Roma, de todos os mais aperfeiçoados tormentos da Santa Inquisição, de todos os delírios sádicos do romance de Mirabeau *Les jardins des supplices*, certamente o suplício dos supostos mortos merece a maior compaixão.

É de horrorizar ao pensamento a lembrança de que os gemidos desesperados de pessoas a nós caras, no momento de despertarem no trevor do féretro, não cheguem fora da sepultura. Os familiares voltam, ainda cheios de dores, para as suas casas, cumprido o fúnebre rito, e, silenciosos, se assentam talvez junto ao fogão doméstico quando lá no cemitério longínquo se debate, por alguns momentos ainda, profere gritos inarticulados e evoca inútil auxílio o parente vivo que, suposto morto, foi abandonado e fechado no buraco insaciável do túmulo.

Todas as histórias do mundo estão cheias de recordações pavorosas de horríveis agonias sofridas por indivíduos que

despertaram lentamente em baixo da terra ou que suportaram o violento fogo circundante das chamas.

Plínio o Moço, no VII livro de sua *Historia rum mundi* (cap. LIII, pág. 52). narra o seguinte:

"Aviola, quando já cônsul, colocado no fogo, ressuscitou e, como não foi possível afastar a chama grande que crescia, foi assado vivo. A mesma coisa se diz que aconteceu com Lucio Lamia, que foi certa vez pretor. Marco Messala Rufo e muitos outros referem que Caio Elio Tuberone, quando pretor, sendo colocado no fogo como morto voltou vivo para casa."

Sobre a morte de Zenon, imperador bizantino, corre a lenda de que a sua mulher, Arladne, o fez encerrar no sepulcro no dia 29 de abril de 491, durante um gravíssimo ataque epiléptico e que o mesmo foi achado, três dias após, morto de verdade, mas com o braço horripelmente dilacerado pelos dentes.

Na Antigüidade, Platão, Heráclides, Plutarco, Apolônio, Celso, narraram numerosos casos semelhantes.

Bacone de Verulamio escreve que o célebre filósofo Scotto era cataléptico e foi enterrado vivo durante uma crise, na ausência de seu servo que sabia de sua doença. Tirado da sepultura, seus familiares verificaram que ele morrera sufocado, tendo mordido, desesperadamente, os lábios.

Essa tremenda surpresa se teve no ano de 600, na exumação do cadáver do grande pregador Padre Segneri, da Companhia de Jesus, e, na dúvida de que o mesmo houvesse morrido desesperado, a Igreja Católica suspendeu o seu processo de santificação que já havia iniciado.

De morte igual faleceram filósofos, médicos, poetas, imperadores e reis, sem falar dos supostos mortos enterrados

apressadamente nos tempos das epidemias e guerras e de tantas pobres senhoras torturadas por longas e laboriosas gestações e caídas em desmaio.

Misson, na sua *Storia delle causa celebri* (citada por V. Angelo Corni na sua *Apneologia*, ovvevero morte aparente dell'uomo, Roma 1851), narra o caso da mulher de um cônsul de Colônia, enterrada viva no ano de 1557: "Aproveitou-se da noite o coveiro para roubar-lhe algumas jóias e ela despertou e segurou, pelo braço, o ladrão que, com o susto, ficou desacordado. A senhora, obrigada pela circunstância, afastou os panos que a envolviam e voltou à sua própria casa. Na Igreja dos Santos Apóstolos, em Colônia, existe um quadro representando esse fato.

É sabido que o Abade Prevot, o autor de *Manon Lescaut*, readquiriu as energias vitais e o conhecimento, sob o escalpelo do cirurgião, durante a autópsia.

O Dr. Ianin refere o caso análogo do Cardeal de Spinosa que, caindo em síncope e suposto morto, os médicos se apressaram em abrir-lhe o tórax para embalsamá-lo, mas, apenas lhe abriram os pulmões, verificaram que o seu coração pulsava e o infeliz, voltando a si, teve forças para levar a mão até o bisturi do operador a fim de repeli-lo, mas era tarde porque o golpe mortal já havia sido desferido.

Karl Marx, em *La commune de Paris*, conta que centenas de comuneiros, recolhidos privados de vida sobre espaldas e pelas estradas de Paris, depois da vitória das tropas de Versalhes, e que foram enterrados vivos aos montes nas praças públicas, se agitaram nas suas covas, revolveram a terra e espalharam, fora dela e confusamente, pernas e braços.

É este o assunto de um livro horripilante de Augusto Agabiti *Tortura sepolcrale* (Edição Voghera, Roma, 1913), procedido de um estudo do Conde Miguel Karnice-Karniki, inventor de um aparelho de salvamento para os sepultos vivos, pelos quais se vê que os casos em apreço são mais freqüentes do que se pensa, a juizar pelas estatísticas que foram feitas.

Vou referir-me, sem ordem, a fatos mais recentes e a alguns até dos presentes tempos.

O Dr. F. Galvagno, em seu livro *La morte apparente o pericolo di essere sepolto vivo e i mezzi di evitarlo* (Alba, 1837), relata alguns casos de que foi espectador e testemunha.

Impressionante é o caso de Anna T., da comuna de Serravalle, julgada morta por metrorragia puerperal. Surgindo na mente do Dr. Galvagno a suspeita de morte aparente, ela foi desenterrada e, "espetáculo horrendo, o lençol que envolvia a pobre senhora estava rasgado e descosido em muitos lugares, ao passo que essa jazia sobre o lado direito, e a mão esquerda, suja de um pouco de sangue, segurava, fortemente, a mandíbula inferior. Baldados foram os meios tentados para restituir-lhe a vida, pois a infeliz senhora havia, indubitavelmente, expirado pouco antes de minha chegada." Assim escreve o Dr. Galvagno.

Casos de cadáveres desenterrados e achados no túmulo com as mãos seguras à boca em ato de desespero, com as linhas do rosto contraídas horrorosamente, vêm narrados por Galvagno Agabiti e Karnice, numa infinidade tal que me seria impossível enumerar.

Fatos recentes e notáveis vêm assinalados em jornais de todos os países, entre os quais, por exemplo, o enterro, no

cemitério de Rochester (New York), do jovem Wettease, que falecera de febre escarlatina (Correo da México, de 19 de abril de 1900); o sepultamento, em Blagassal (Budapeste, Hungria), do inspetor de mineiros Kransy (Le Journal, de 21 de maio de 1900); três dias após o enterro, um velho, ao passar pelo caminho do cemitério, vendo que a terra, que cobria a sepultura, se movia, chamou os guardas, que se reuniram apressadamente e escavaram o túmulo. O infeliz, ainda vivo, foi transportado para o hospital e salvo.

Le Radical, de 31 de maio de 1901, refere um caso idêntico acontecido em Gand, Bélgica, no dia 27 de janeiro, de uma moça enterrada viva, que não conseguiu romper a pedra cimentada que lhe cobria o túmulo. Seus gritos, partidos do fundo do hipogeu, não foram ouvidos e ela morreu de langor e do fome.

No jornal Il Mattino, de 15 de março de 1931, lê-se a seguinte notícia:

"Londres, 16 - Telegramas de hoje informam de Los Angeles, U.S.A., a extraordinária aventura sucedida a uma velha senhora, Essa já estava morta havia dois dias e na câmara ardente choravam os parentes e amigos da defunta, em grande número. Ontem, três horas antes do tempo marcado para os funerais; e quando, já pela estrada se reuniam os amigos que deviam acompanhar o enterro, os presentes, na câmara ardente, ficaram subitamente aturdidos quando viram a referida senhora tranqüilamente sentada no leito e, sorridente, ao vê-los, pedir-lhes um copo d'água."

Quem quiser ler um grande número de casos semelhantes poderá recorrer aos três primeiros capítulos do livro de Agabiti: "Enterro de vivos - Coléricos dissecados vivos -

Soldados caídos em combates - Natimortos - Morte de puérperas."

Já que a maior campanha de toda a Europa é feita, em nossos dias, por Karnice, relatarei alguns casos dos quais foi testemunha e que o levaram à sua santa e nobre propaganda.

O Conde polonês Miguel de Karnice-Karniki, então gentil-homem da Corte da Rússia, possuidor de grandes propriedades, fazia, em certo dia do ano de 1890, uma visita de inspeção às oficinas de Lenoff, quando viu que muitas pessoas corriam ansiosas e impressionadas para um lugar de enterros e achou-se diante de um túmulo aberto, onde, fatigadamente, alguns trabalhadores levantavam um caixão que foi depois destampado pelos coveiros. Esses, fazendo o sepultamento de uma senhora, tinham ouvido um gemido, como um eco doloroso, à queda das primeiras pás de terra sobre as tábuas do caixão. Era a despertada uma jovem de 18 anos de idade que, despojando-se da cobertura, apareceu às espantadas e comovidas pessoas presentes no seu vestido branco, com os olhos fechados e aflitos. A jovem voltou posteriormente à luz e à saúde.

Este caso não foi o único presenciado por Karnice. Já na infância ele experimentara outra violenta comoção em acidente idêntico sucedido em sua família. Muitos anos antes, quando se usava colocar na igreja, sobre o catafalco, o caixão mortuário aberto, uma criada de sua tia, que morava em Viena, Áustria, voltou subitamente à vida, de modo espontâneo, durante os funerais, se bem tivesse sido declarada morta havia três dias. Não obstante a avançada idade e uma longa enfermidade, ela teve forças para levantar-se do caixão e volver em torno o seu olhar espantado. Muitos das presentes fugiram aterrados, mas

outros ajudaram na a sair do lúgubre lugar. Restituída à saúde, viveu ainda 20 anos. O fato se deu numa herdade da província de Vitebsk, Rússia, onde a tia do Conde costumava passar o verão.

Uma Condessa Potocka, de grande família polonesa, morreu no ano de 1892 e foi enterrada no cemitério Powonski, em Varsóvia. Parentes afastados, que moravam em Paris, sabendo que a Condessa andava sujeita a ataques de catalepsia, obtiveram autorização para exumar o corpo e esse, apesar de ter ficado quatro dias na câmara mortuária e outro tanto debaixo da terra, não apresentava nenhum indício de putrefação. Ele foi então colocado num lugar bem aquecido e, ainda depois de outros tantos dias, continuou a manter-se no estado anterior. O povo do lugar sublevou-se e as autoridades exigiram, sem posterior remorso, o sepultamento da Condessa. Os protestos de Karnice foram em vão. Ele falou a respeito com o coveiro encarregado do segundo enterro e esse homem, velho e experimentado, não hesitou em declarar estar pronto a prestar juramento de que se enterrava uma pessoa viva. Tais fatos levaram o Conde Karnice a estudar a fundo a questão.

Muitos outros acontecimentos entraram, francamente, no campo da realidade romanesca, como o narrado por Corni na obra mencionada. É uma poética história de amor e de morte: Dois mercadores parisienses, ligados por uma estreita amizade, tinham por filhos uma moça e um rapaz que, após algum tempo, manifestaram o desejo de se unirem pelo matrimônio. O seu sonho, porém, não pôde realizar-se porque a moça, pedida em casamento por um rico senhor, foi obrigada por seus genitores a desposá-lo. Eles esperavam que a nova e alta posição social da filha lhe fizesse esquecer

o primeiro amor. Cai a jovem em tanta melancolia que, vítima de uma síncope histérica maligna e privada do conhecimento, é julgada morta e enterrada. Espalhada essa notícia, o primeiro namorado corre, em desespero, ao cemitério, ao túmulo de sua amada e obtém do coveiro, por algum dinheiro, permissão para desenterrá-la e revê-la pela última vez, ao ar livre e em plena luz. Sabe-a morta, mas, levado pela paixão que o assalta, afaga-a, sacode-a como se ainda viva fosse e de modo tal que a desperta e a reanima e, com ansiosa solicitude, a retira do abismo da terra. Ocultamente, ele foge com a sua amada para a Inglaterra, onde, em segredo e desconhecidos, gozam da felicidade que julgavam impossível conseguir no mundo. Passados 10 anos e julgando mais fácil viverem seguramente, voltam para Paris, mas alguém reconhece a moça, sua história é recordada e o marido, ao conhecimento do caso, intervém pedindo que a lei lhe restitua o amor que a morte lhe roubara. Começa então um processo famoso, no qual o jovem enamorado tenta demonstrar a legitimidade da posse da moça que ele havia retirado do túmulo.

O processo vai longe e tudo fazia prever uma sentença contrária aos infelizes esposos da morte, quando eles retomam o caminho do exílio, buscando, no amor, a felicidade de ambos, negada pelos homens e pelos acontecimentos.

Literatos e artistas insignes, como Boccaccio, Edgar Poe, Honoré de Balzac, Emile Zola, escolheram muitas vezes, para assuntos de suas criações, estórias de encontro de vivos enterrados como mortos. Mas por que recorrer à poesia quando se está frente à realidade?

Existem na vida, em abundância, acontecimentos mais reais, mais emocionantes, mais incríveis que todos os romances.

Doutores em medicina, anatomistas célebres, professores, filantropos, são às centenas os nomes que se poderia registrar dos que se entregaram anos e anos ao indefeso labor, ao estudo da morte aparente e da inumação prematura e que publicaram obras volumosas a respeito.

Sua bibliografia é riquíssima e me seria impossível, nos limites do presente trabalho, citar todas as obras.

Entre elas citarei as mais antigas, escritas em latim, a título de curiosidade:

Henricus Kormanus – De miraculis mortuorum, Frankfurt, 1610.

M. Tirellus - De causis mortis repentinae, Veneza, 1614.

Paulus Zachias - De mortuorum resurrectione, Amsterdam, 1651.

Balthazar Bebel - Dissertatio de bis mortuis, Iena, 1672.

Johannes Menghin - Dissertatio de incertitudine signorum vitae et mortis, Viena, 1768.

Passando destes autores mais modernos, recordo alguns nomes entre os mais ilustres: Winslow, Ianin, Bruhier, Durande, Chaussier, Pinceau, Lenormand, Haller, Le Guérn e nestes últimos tempos Brouardel, Hartmann, Icard, William Tebb, Charles Richet.

Entre os italianos cito alguns nomes: Giacomo Barzellotti (1868), Giuseppe Bianco (1868), Luigi Chierici (1865), A. Comi (1851), G. D'Ambrosio (1817), Felice dell'Acqua (1897), F. Galvagno (1837), Oscar Giacchi (1899), Pietro Manni (1833), A. Monteverdi (1884), Targioni-Tozzetti (1876), Giuseppe Semola (1912).

Deixo de citar nomes de médicos alemães, ingleses, espanhóis e portugueses.

Refleti:

O Dr. Simon Carleton disse que, em 30 mil inumações, se encontra, em média, um caso de pessoa, enterrada viva. Segundo seus cálculos, do começo da era cristã ao ano de 1931 haveria só na Europa 4 milhões de pessoas enterradas vivas!

II

Sumário: A propósito dos sinais seguros da morte - Sinais incertos - Sinais prováveis - A morte aparente - O parecer do Dr. Icard - Os sonâmbulos - Os faquires - Sinais remotos - A putrefação - O esfriamento - As conclusões do Dr. Hartmann.

A questão, desde os tempos mais remotos, gira em torno de um só ponto: Quais os sinais seguros para se aceitar a morte?

Entre os autores que enfrentaram e discutiram o problema é de assinalar o Professor Severin Icard, de Marselha, França, autor de 18 volumes sobre a morte aparente, o primeiro dos quais foi impresso em 1896 com o título de "Morte real e morte aparente", começando com as seguintes palavras: "A morte aparente não tem necessidade de definição porque se explica por si mesma: é a vida sob a aparência de morte."

Quando o Dr. Icard diz "aparência de morte" pretende falar de todos os sintomas que a ciência até aqui estabeleceu. E, para não deixar dúvida a respeito, ele passou em resumo

todos os sinais conhecidos da morte real e sustenta que os mesmos se encontram, em idêntico grau, na morte aparente.

Os processos de diagnósticos conhecidos, baseados nos sinais imediatos e remotos da morte, são: imobilidade do corpo, flacidez de todos os membros, perda do conhecimento, insensibilidade geral e a falta de sensibilidade especial. Esta última verificação se fazia e até ainda hoje se faz com várias provas: picada de agulha, aquecimento, picada de abelhas, estimulações de todas as espécies, aplicação de fogo ou de ferro aquecido no estado rubro, incisões, excitação do ouvido por meio de chamados e de gritos, excitação do olfato, do paladar, do tubo digestivo, da vista, etc.

Entre os sinais imediatos ainda: a falta de união do maxilar, o suor frio e horripilante da pele, as pontas dos pés voltadas para fora, a flexão do polegar no côncavo da mão, a imobilidade da pupila sob a ação de vários agentes, a deformação da pupila sob a influência da dupla pressão, o peso e o comprimento do corpo, a prática das trações rítmicas da língua do Dr. Laborde (Laborde *Le signe automatique de la mort réelle*, Paris, 1900).

"Mas todos esses sinais, diz Icard, não possuem nenhuma infalibilidade. Quem não sabe, com efeito, que os hipnotizados, no estado cataléptico, atingem completa insensibilidade e são refratários à ação do ferro e do fogo?"

Ao lado de tais sinais, que seguem de perto a morte, outros são mais remotos como a ausência de contractibilidade muscular sob a ação de agentes diferentes e a rigidez cadavérica. Incertos também os outros sinais: a falta de movimento respiratório (provado comumente com a vela acesa colocada diante da boca e com a verificação com o

espelho), a não oxidação de agulha de aço mergulhada nos tecidos e a imigração dos parasitas, etc.

Ora, todos esses sintomas, que se na morte aparente, que não é ainda a morte verdadeira, se verificam nos hipnotizados mergulhados em estado cataléptico.

Cito um caso característico acontecido clínica do Dr. Domenico Antonio Tieri, onde eu experimentava com a sonâmbula Srta. Pina Vandì. Posta em estado cataléptico, submetemo-la a uma forte corrente elétrica e essa não só permaneceu absolutamente insensível, como, tendo eu tomado contato com ela, nada senti também, o que prova que o corpo da sonâmbula se tinha tornado um isolador.

E que dizer dos faquires que, durante meses e até anos, se fazem sepultar e depois tornam à vida?

"Os sintomas remotos, continua Icard, são o esfriamento progressivo do corpo verificado com o tanatrômetro de Vasse e com o necrômetro de Bouchut, o não aumento da temperatura sob a influência da respiração artificial, a mancha negra na esclerótica, a mancha verde no abdômen, a putrefação."

Esses seriam os indícios, o último, sobretudo, vizinhos da certeza.

Na verdade, também o indício que parece mais decisivo deixa na dúvida alguns ilustres clínicos entre os quais os Drs. Haller e Lignières vindos depois de Icard e Winslow.

Lignières, com efeito, em *Ne pas être enterré vivant*, Paris, 1893, diz textualmente: "A putrefação, segundo o parecer de todos os que fizeram um estudo profundo sobre os sinais da morte, não pode ser considerada como indício positivo da morte senão quando se espalha por uma vasta superfície do corpo, porque, como salienta Haller, um

princípio de decomposição pútrida pode manifestar-se, em algumas enfermidades, em muitas partes do corpo animado e os membros dos enfermos exalam então um fedor cadavérico antes mesmo de ter o doente expirado."

Mas, para verificar, de modo não duvidoso, a decomposição de todos os órgãos vitais, se necessitaria abrir o corpo humano, coisa que, na maioria dos casos, equivaleria a um verdadeiro homicídio, pois o paciente, já esgotado pela doença, não resistiria a tão grande operação.

Também o esfriamento do corpo, considerado comumente e por muitos, como prova da morte real, não é infalível e seguro.

Observa, com efeito, o Dr. Bichat (*Recherches physiologiques sur la vie et sur la mort*): "O calor se conserva nos mortos repentinos e nos asfixiados muito mais tempo que de ordinário, enquanto que o esfriamento geral pode existir durante a vida em um grau baixo, como depois da morte, em muitas afecções nervosas e principalmente no último período de histerismo."

O Dr. Hartmann, na sua obra "Enterrado vivo" (1895), depois de haver estudado a fundo todos os sinais da morte e declarado que somente a decomposição evidente dos órgãos vitais é uma prova certa da morte, chega à seguinte conclusão:

"... que nenhum meio é seguro, nenhum meio existe: é preciso matar!

Sumário: Meios escolhidos para evitar-se o enterro dos vivos - Homicídio? - As câmaras mortuárias - Debates no Parlamento italiano - O aparelho Karnice - A opinião de Richet - O aparelho do Dr. Collongues - Médicos no bívio.

Diante das conclusões da ciência médica de que não existe nenhum meio para acertar-se com a morte, duas resoluções diversas, porquanto opostas, foram propostas para evitar a mais terrível ignomínia humana: o enterramento apressado de vivos.

Um meio é o de evitar o eventual despertar do suposto morto na prisão de quatro tábuas, debaixo da terra, infligindo ao cadáver um golpe mortal e definitivo.

Hartmann considera que três meios se acham à nossa disposição para pôr termo às funestas conseqüências de inevitáveis erros

1.º - enterro sem caixão, a fim de que o letárgico fique logo sufocado antes de seu despertar;

2.º - sepultamento em um caixão, no qual o ar respirável seja substituído por um gás deletério;

3.º - cremação, com a qual o letárgico, dada a alta temperatura, não tenha tempo de voltar a si.

Outros propuseram fazer no cadáver, antes do enterro, qualquer injeção de remédio deletério e mortal. Na cidade de Gratz, Áustria, se pratica a perfuração do coração (Hertzisch) do letárgico antes do enterro.

É bem verdade que muito se tem discutido sobre as possibilidades dos meios ou das precauções para facilitar o retorno à vida dos infelizes que despertam no túmulo. Tratarei de instituição, em todos cemitérios, de câmaras mortuárias, bem diferentes das câmaras de depósito para

breve espera determinada pelas leis vigentes nas polícias mortuárias.

A câmara mortuária seria um lugar em que se depositariam os cadáveres dos letárgicos, catalépticos, etc., quando, não sendo manifestos os sinais indubitáveis da decomposição de todos os órgãos vitais e de maneira que, no caso de despertar do suposto morto, esse encontraria ar e luz e meios de chamar a atenção dos guardas do cemitério.

Recordarei, a propósito, para honra de nossa pátria, que o Senador Negrotto foi o primeiro representante da nação a sustentar em 1911, repetidamente e com a sua palavra calorosa, no Senado, a defesa dos catalépticos, falando da morte trágica de tantas vítimas de nossas ordenações sanitárias.

Em um memorial dirigido ao Ministro Giolitti se tratou, amplamente, das câmaras mortuárias, mas nada concluiu-se de positivo.

É de notar que se apaixonaram pelo debate, no Parlamento e fora dele, ilustres cientistas e publicistas como Luigi Luzatti, Pompeo Molmenti, Pietro Bertolini, Aprile, Badoloni, Ettore Cicotti, Giovanni Bovio e Giuseppe Semola. Este último especialmente, que foi glória napolitana, reiteradas vezes, no conselho comunal de Nápoles, chamou a atenção dos seus membros para a gravidade do problema, insistindo que a sua solução vai cercada sob um aspecto a um tempo legislativo e prático.

Várias foram as tentativas de aparelho de salvamento, entre os quais o inventado por Karnice e que consiste nisto: um tubo que se faz penetrar na altura do esterno do cadáver. Internamente, no tubo, há uma peça de aço que acaba numa esfera que repousa justamente sobre o esterno a 5

centímetros e do outro lado a 1 metro de altura fora da terra e termina numa caixinha especial. O menor movimento move a esfera e essa faz saltar um mecanismo de mola, mola que abre a caixinha introduzindo luz e ar na sepultura e dando um grande sinal por meio de um disco que se levanta e faz soar uma campainha com movimento de relógio. Dado esse sinal de vida, o guarda do cemitério acorre e, em pouco tempo, pode libertar o enterrado vivo, comunicando-se também, com ele, por meio do tubo que serve de porta-voz.

Numerosas conferências foram feitas pelo inventor em todos os países da Europa. Alguns municípios proviram seus cemitérios do aparelho, médicos ilustres de todas as partes proclamaram que o problema estava resolvido, bastando, entre tantos, o nome de Charles Richet, que, de Paris, em data de 17 de janeiro de 1912, assim escrevia a Karnice: "Se continuardes prosseguindo no vosso trabalho, tereis prestado um grande serviço, porque não posso duvidar de que não existam ainda enterramentos apressados. Também conjeturo que, sendo pouco é ainda muito, e a sociedade não pode carregar o fardo de tão grave delito."

Cito, para a história, outro meio de verificação, esse pouco conhecido até agora, escolhido antes por Karnice e consistente em um instrumento muito simples chamado dinamocópio. Tiro a notícia de artigo do Dr. Nigro Licó publicado na revista *Filosofia della Scienza* (ano 4º, nº 5, de 15-5-1912).

No fim do ano de 1862, o Dr. Collongues observara, em um hospital de Paris, que a extremidade do dedo mínimo, introduzido no conduto auditivo, produzia um rumor especial, rumor esse que cada um podia verificar ao operar, do mesmo modo, em si mesmo. Tendo ele substituído o

emprego do dedo mínimo pelo o de um bastãozinho que se adaptava igualmente no meato auditivo, verificou que o efeito não era igual quando o bastãozinho era colocado no mesmo e que, ao contrário, o efeito era nulo, ou seja, cessava o efeito quando o bastãozinho era apoiado em um corpo inerte, fosse esse uma parede ou um cadáver. Dessa propriedade do bastãozinho se depreende logo como o Dr. Collongues dela se servisse coma dinamoscópio.

Esse instrumento, comparável, pela sua forma, mais ou menos a um pauzinho de jogo, indicava alterações diferentes no corpo dos indivíduos conforme as diversas espécies de som que produzia no ouvido. Servia, sobretudo, para a verificação da morte.

O método de Collongues permitia seguir o desaparecimento gradual das últimas manifestações vitais. Ele verificou que tal desaparecimento se produzia lentamente, de modo variável, da oitava à décima quinta hora posterior ao cessamento da respiração e segundo uma lei, sempre igual, que se verifica não tão bem nos cadáveres quanto nos membros amputados.

Eis essa lei: Na morte em geral, as primeiras partes do corpo, em que a vibração dinamocópica desaparece, são as extremidades, como as das mãos, dos pés e da cabeça. Depois a cessação do rumor se efetua ao mesmo tempo nas faces e nas pernas, no pescoço, nas costas, no tórax e no abdômen. O ruído se concentra, pouco a pouco, na região pericordial.

Tal fenômeno, observa Collongues, merece atrair a atenção dos fisiólogos: ele deve ter uma função importante nos mistérios da vida.

Se as conclusões de Collongues são exatas, se o rumar que o seu dinamocópio produz no ouvido indica a vida ou a morte, conforme essa continua ou termina, então os médicos indubitavelmente terão com esse singelo instrumento um auxílio precioso para distinguir a morte verdadeira da morte aparente.

Visto não se poder encontrar um meio seguro para acertar-se com a morte e não se querendo prolongar o período de espera, nem parecendo oportuna e útil a construção, em todos os cemitérios, de câmaras mortuárias, se deveria colocar toda a confiança no aparelho de Karnice e, se tal sistema não parecer aplicável, escolher e inventar um outro para que, como disse Richet, a sociedade não carregue o fardo de tão grave delito.

Aconteceu-me recentemente que, na morte de uma pessoa a mim cara, foi chamado um médico, no momento da saída do cadáver da casa, para fazer uma injeção deletéria e mortífera no cadáver, mas o médico, achando certa a morte, negou-se a fazer a injeção ou a picada no coração.

Digo, pois, aos médicos: Se temeis matar é porque temeis que a pessoa não esteja morta; mas então por que a fazeis enterrar? - Se estais certo da morte, por que vos preocupais que se mate um morto?

IV

Sumário: A Fé no Além e a Tortura Sepulcral - Mortos que não estão mortos - Revelações de espíritos comunicantes - Mortos espectadores de seus próprios enterros - O sentido da Morte.

Pensemos na possibilidade de que o suposto morto, já mudo e inerte espectador de seu funeral, sinta que é levado para ser enterrado ainda vivo.

Por força, esse terrível estado de angústia deverá ser mais horrível para o materialista que sente encaminhar-se para o seu último tormento e que, em breve, fará a sua triste volta para o nada. Menos terrível ele será para quem crê que a morte não é senão uma mudança de estado e o começo de uma vida talvez melhor. Mas, se os que ficam, têm a mesma crença, pensemos quanto deve ser mais forte a sua dor na suspeita de que o morto haja sofrido tal tortura e que a recordação disso se transmita como perene acusação aos seus parentes que o deixaram enterrar vivo e morrer sufocado no túmulo.

Recentes revelações mediúnicas nos levam a meditar sobre um fato ainda mais preocupador: a dúvida de que os supostos mortos vejam, sintam e assistam a tudo quanto em torno dos seus despojos se passe, aos fúnebres preparativos do encerramento de seu cadáver no caixão, para ser levado à sua última morada.

Quem crê na sobrevivência da alma humana não pode ficar indiferente ante certas mensagens mediúnicas de entidades que contam as suas impressões, as suas sensações, no momento da morte. De tais comunicações compôs Ernesto Bozzano uma monografia já publicada em volume sob o título de "A crise da morte". As mensagens concordam entre si de modo admirável, a ponto de não se encontrar-se nenhuma discordância inconciliável com as afirmações dos espíritos comunicantes.

Cito alguns detalhes fundamentais acerca dos quais deve deter-se e meditar o leitor que tenha experimentado uma impressão de perturbação a propósito de meu precedente estudo.

Todos as espíritos afirmam ter-se encontrado na forma humana por ocasião de seu ingresso no mundo espiritual;

ter ignorado, durante certo tempo, que haviam morrido;

ter passado, pouco depois da crise pré-agônica, pela prova da recordação sintética de todos os acontecimentos de sua existência terrena;

ter passado, quase todos, por uma fase de sono reparador.

Concordam mais na narração de ter visto o seu próprio cadáver no leito de morte, citando o fenômeno de seu corpo etéreo condensando-se acima do corpo material ou somático, isto é, do próprio cadáver.

Este último detalhe é importante, porque constitui o fenômeno de desdobramento que se verifica, a miúdo, durante a vida, como nos ditos milagres de desdobramento registrados pela igreja, católica e nos múltiplos casos de fantasmas de vivos narrados pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres. Esse fenômeno, no dizer de Carl du Prel, seria a "chave do enigma humano". Como, durante a vida humana, pode, temporariamente, o nosso corpo fluídico destacar-se do corpo material, assim, no momento da morte, dele se separa definitivamente: a morte só é uma separação definitiva do corpo espiritual do seu corpo material.

Extraio alguns trechos dessas mensagens com relação ao assunto.

O caso X da citada obra de Ernesto Bozzano é tirado da revista Light, de Londres (ano de 1827, pág. 230). O espírito comunicante foi um notável e alto personagem americano

que fez a narração no mesmo dia em que deixou seu corpo no seu quarto em Bankville. Ei-la:

"Fui presa de estranha sensação, que conquanto inteiramente nova para mim, era um tanto semelhante à que uma pessoa experimenta quando desperta repentinamente de um sono profundo. No primeiro momento, nada compreendi, dada a situação em que me achava, Pouco a pouco, porém, fui percebendo o meio que me cercava, como sucede ai quando a gente acorda do sono. Vi-me estendido, calmo, imóvel, no meu leito, circunstância que me encheu de espanto, longe que estava de supor que havia morrido. Algum tempo após, cada vez mais desperta, percebi que a minha falecida mulher se achava ao meu lado a me sorrir, com uma expressão radiante de ventura. Esse encontro se dava depois de longa separação. Foi ela quem me comunicou a terrível notícia de que eu estava morto e me encontrava também no meio espiritual, Disse-me que, havia muitas dias, velava à cabeceira de meu leito, aguardando o momento de acolher o meu espírito e de o conduzir à morada celeste.

Sentia-me cada vez mais revigorado por uma vitalidade nova como se todas as minhas faculdades entrassem em um período de grande atividade depois do prolongado torpor em que me achara. Era a sensação de uma beatitude difícil de descrever-se... Parecia que me tornara parte integrante do meio que me rodeava. Minha mulher me tomou então pelas mãos e, assim unidos, nos elevamos através do teto do quarto, subindo para o alto, sempre mais alto, pelo espaço em fora. Entretanto, se bem já me houvesse afastado muito do meio terrestre, continuava a ter conhecimento do que ocorria em minha casa. Esse estado dalma parecia deslizar,

como nuvem escura, entre ela e mim, insinuando-se no meu ser e nele produzindo um sentimento penoso de torpor.

Desejo saibam que as crises excessivas de dor, junto dos leitos mortuários, constituem imensa barreira interposta entre os vivos, que delas se deixam tornar, e o espírito do defunto por quem eles choram. Trata-se de uma barreira real e intransponível que não nos permite entrar em comunicação com os que se desesperam pela nossa morte. Mais ainda: as exageradas crises de dor retém presas ao meio terrestre os espíritos desencarnados, retardando-lhes a entrada no mundo espiritual.

De fato, se é certo que, com a morte, cessam necessariamente todas as relações entre os espíritos desencarnados e o organismo físico dos vivos, em compensação, os espíritos dos defuntos se tornam extremamente sensíveis às vibrações dos pensamentos das pessoas que lhes são caras. Concito, pois, aos vivos que perderem alguns de seus parentes, qualquer que possa ser a importância da perda e da dor correspondente, a que, a todo custo, se mostrem fortes, abafando toda manifestação de magoa e apresentando-se de aspecto calmo nos funerais. Comportando-se, assim, determinarão considerável melhora na atmosfera que os cerca, porquanto a aparência de serenidade, nos corações e nos semblantes das pessoas que são caras, emite vibrações luminosas que nos atraem, como, à noite, a luz atrai a borboleta. Por outro lado, a mágoa dá lugar a vibrações sombrias e prejudiciais a nós outros, vibrações que tomam o aspecto de tenebrosa nuvem a envolver aqueles a quem amamos. Não duvideis de que somos sensíveis às impressões vibratórias que nos chegam por efeito da dor dos que nos são caros. Nossos "corpos

etéreos" estão, efetivamente, sintonizados por uma escala vibratória dos corpos carnis.

De sumo interesse é o caso XV da referida obra, extraído do livro de Natacha Rambova intitulado "Rudy", no qual ela narra a vida de seu próprio marido, Rodolfo Valentino, o célebre artista cinematográfico, fazendo-a seguir de mensagens mediúnicas recebidas do falecido ator, que descreve as impressões sentidas no momento de sua morte. Conta ele:

"Senti uma estranha sensação: parecia que eu afundava no vácuo, fora de todas as coisas. Tinha a impressão de que o meu corpo se tornara pesado e ao mesmo tempo, a de que havia em mim alguma outra coisa que me parecia cada vez mais leve como se eu houvesse de elevar-me nos ares, de um instante para outro. O tempo se escoava e isso adquiria para mim singular importância. Parecia-me que alguma coisa de desconhecido, de misterioso, se desenhava ao longe, diante de meus olhos. Sentia-me como que imerso numa apavorante sensação de imensidade que me oprimia e me fazia tremer a alma."

No livro *There is no death* (A morte não existe), da Sra. Florence Marryat, colho revelações do capítulo VI que contém mensagens de desencarnados que recordam o momento que, cedo ou tarde, deverá chegar para todos. Eilas:

"É erro supor que o espírito, apenas saído do corpo, dele se afaste, quando fica preso a esse por laços fluídicos e muitas vezes os laços não se rompem senão depois de vários dias ou semanas, depois que o espírito deixou o seu invólucro carnal. O costume de encarregar estranhos de cumprir os últimos deveres é, para os nossos amigos,

crudelíssimo! Não imaginais que o espírito saiba e veja, acreditais que ele já foi levado para uma esfera de onde não pode ver, nem ouvir, nem entender. Quando o vosso amigo deixa o seu corpo, ele freqüentemente fica no mesmo aposento em que jaz o cadáver. Embora não volte a esse, vê pelo menos tudo o que se passa ao seu redor e se vê cuidado por estranhos que não têm respeito pelos seus sentimentos ou por pessoas que ele amou na Terra."

Narra a Sra. Florence Marryat esta sentimental estória:

"Eu tinha um amigo, médium, que estava noivo de uma jovem de nome Amy e essa moça morreu repentinamente; com grande dor sua. Os pais de Amy fizeram expor o cadáver do modo habitual e dispuseram tudo para o funeral. Antes que esse fosse feito, Amy apareceu ao seu noivo e lhe disse que não a enterrasse porque ela não havia morrido, isto é, o seu espírito não estava totalmente separado do corpo, O moço procurou logo o pai da jovem e lhe pediu para adiar o enterro, coisa que, a princípio, recusou fazer, visto o médico haver atestado a morte e a causa da mesma. O noivo, entretanto, insistiu em obter que Amy não fosse sepultada antes de aparecer os sinais da decomposição cadavérica e assim o corpo ficou no caixão, na casa dos seus pais, durante três semanas, sem mostrar o menor sinal de modificação. No fim desse tempo, Amy se manifestou de novo ao seu noivo e lhe disse que finalmente o seu espírito estava liberto do corpo e que esse podia então ser enterrado. Ele levou a notícia à família de Amy e observou que o corpo que havia conservado a sua frescura durante toda esse tempo, começara a decompor-se e o féretro foi então fechado para todo o sempre e enterrado."

Edgar Allan Poe, com a sua intuição de poeta, maravilhosamente perscrutou o mistério da morte e, no "Colóquio entre Monos e Una", discorre sobre o fim da existência corporal e das sensações que a acompanham e seguem.

Monos e Una encontraram-se no túmulo e Manos descreve o momento da separação do espírito do corpo e o período de estupor que segue a desencarnação.

"... e o corpo tombado foi colhido pela mão da insaciável destruidora. E, todavia, a sensibilidade inteira não havia completamente desaparecido, porque a consciência e o sentimento subsistente cumpriam ainda algumas das suas funções com intuição letárgica.

Compreendendo a espantosa transformação começava a operar-se nas minhas carnes, e a semelhança do homem, que até sobre ele se debruça, assim, minha dócil Una, eu senti, sempre surdamente, que tu estavas ao meu lado. Igualmente, quando chegou a duodecima hora do segundo dia, eu ainda não estava inconsciente de todos os movimentos: tu te afastaste de mim, fui fechado no caixão, colocado no coche, levado ao túmulo, descido no caixão, posto em baixo da terra, que jogaram em cima de mim, deixando-me nas trevas e na putrefação, nos meus tristes e solenes sonhos, na companhia das vermes.

E ai, nessa prisão que tem bem poucos segredos a revelar, os dias passaram e passaram as semanas e os meses, e a alma contava, escrupulosamente, todos os segundos que fugiam, sem dificuldade e sem fim.

Finalmente, como muitas vezes acontece com o homem que dorme (o sono e o mundo dos sonhos são as únicas imagens da morte) finalmente repito, como acontece na

Terra ao homem mergulhado em profundo sono quando um raio de imprevista luz o faz estremecer em meio despertar, deixando-o depois vagamente voltar aos seus primitivos sonhos, de modo semelhante, a mim, nesse avizinhar fatal da "Sombra", veio a luz que tinha o poder de agitar e de despertar: a luz do "Eterno Amor!"

Francesco Zingaropoli

FIM